

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Sem Lula nos debates, Flávio Bolsonaro avalia não ir também

A equipe da campanha do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) para presidente da República avalia se ele não deve participar dos debates transmitidos pela TV e por rádios se o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que é candidato à reeleição, decidir não comparecer.

Lula, por sua vez, já avisou que não pretende se expor a debates, já que, muito provavelmente, ficaria isolado contra todos os outros presentes. Se transformaria apenas em uma espécie de alvo fixo, pronto para receber uma saraivada de tiros dos adversários.

Para o PL, Lula é o verdadeiro adversário de Flávio. Os bolsonaristas consideram que os demais principais candidatos da direita – Ronaldo Caiado (PSD), Renan Santos (Missão) e Romeu Zema (Novo) – são, na verdade, potenciais aliados de Flávio no eventual segundo turno.

Segundo a pesquisa BTG Pactual divulgada nesta segunda-feira, 3, Lula tem 41% das intenções de voto no primeiro turno contra 37% de Flávio Bolsonaro. Caiado marca 5%, Renan, 4%, Zema vem com 3% e todos os outros candidatos, no máximo, conseguem 1% das intenções de voto, ou não pontuam.

Portanto, para a cúpula da campanha, um debate sem Lula, seria uma aventura para Flávio Bolsonaro, com risco de ele se

tornar foco de críticas dos seus aliados ali presentes. Não ganharia um só voto e corria o risco de criar inimigos entre potenciais aliados para o segundo turno das eleições.

A pesquisa BTG Pactual trouxe outra péssima notícia para Caiado, Zema e Renan: o empate técnico de Flávio Bolsonaro com Lula no segundo turno. O petista pontuou 46% das intenções de votos no segundo turno contra 45% de Flávio. O levantamento traz ainda uma provável derrota de todos os outros na simulação de segundo turno.

O melhor colocado desse segundo batalhão é Ronaldo Caiado, que chega a pontuar 42% das intenções de votos contra os 46% de Lula. Mas isso não lhe adianta muito, enquanto Flávio Bolsonaro continuar resiliente – como continua – sendo o mais cotado para ir ao segundo turno.

Ou seja, a pesquisa mostra que o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro se consolidou como o adversário de Lula, não abrindo espaço, por enquanto, para nenhum dos outros nomes da direita.

O voto dos eleitores estaria praticamente cristalizado, com Lula e Flávio Bolsonaro em um patamar mais acima e distantes dos adversários.

O que deixa a equipe do PL maaís assustada é que a comparação com a eleição de 1998. O então presidente, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), também decidiu não participar de debates. Afirmou que precisava focar na administração do país e no combate à crise econômica internacional da época.

Com essa estratégia FHC evitou o confronto direto com Lula na TV e nas rádios e acabou vencendo a eleição já no primeiro turno. Exatamente o que o PT mais quer.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

Senado não é ação entre irmãos

Ao escalarem irmãos para ocuparem a primeira suplência das chapas que encabeçarão na disputa pelo Senado, Michelle Bolsonaro (PL-DF) e Ciro Nogueira (PP-PI) ressaltaram o absurdo que é existência desses reservas de luxo, versões dos senadores biônicos criados pela ditadura.

Os suplentes são cidadãos sem voto eleitos na carona do titular. Ao votarmos em um candidato ou candidata para o Senado subscrevemos também os nomes de seus dois suplentes, o primeiro e o segundo. No caso de impedimento — definitivo ou temporário — do titular, o primeiro suplente entra em campo. Caso este precise ou queira se afastar será a vez de seu reserva assumir a cadeira.

Esta excrescência institucional foi criada pela Constituição de 1946, que passou a prever um suplente. Ao, em 1977, baixar o Pacote de Abril, o presidente Ernesto Geisel inventou o suplente do suplente, mantido na Constituição de 1988.

Os cargos de suplente são valiosos, usados como moeda de troca. Servem também para dar emprego a parentes, pessoas que manterão a fidelidade ao titular que queira se afastar (a atual suplente de Nogueira é sua mãe, Eliane Nogueira, que tomou conta do mandato do filho quando ele foi ministro de Jair Bolsonaro).

Nos tempos em que o financiamento de campanhas eleitorais dependia de doações privadas e não oficiais, não era raro que o suplente fosse alguém de muitas posses. O empresário Pedro Piva foi escolhido para suplente de José Serra em 1994. Com a previsível ida do titular para o ministério de Fernando Henrique Cardoso, coube a Piva exercer o mandato por cinco anos.

E olha que a eleição para o Senado é dureza; diferentemente do que ocorre com candidatos à Câmara dos Deputados, os que buscam vaga no plenário azul enfrentam uma disputa majoritária, dependem de seus próprios eleitores, não são beneficiados pelo voto de legenda.

Escolhido pela primeira-irmã para ser seu suplente, Diego Torres Dourado está acostumado a ganhar cargos: virou assessor no Senado em 2021; depois, ganhou emprego do governador de São Paulo, Tarcisio de Freitas (Republicanos).

Anunciado pelo irmão Ciro, Raimundo Neto e Silva Nogueira é empresário. A exemplo do irmão senador, também é investigado no caso Master — este ano, chegou a usar tornozeleira eletrônica.

Cabe ao Congresso a ser eleito em outubro acabar com esses sem votos — no limite, o deputado mais votado do partido em determinado estado poderia ser convocado para substituir um senador. Uma solução precisa ser encontrada para acabar com algo que nega a representação popular e incorpora da pior maneira a história de políticos defenderem as famílias — as deles.

EDITORIAL

Tarifas podem levar Trump a perder Congresso

A decisão de Donald Trump de ampliar tarifas sobre produtos importados, sob o argumento de proteger a indústria e os empregos norte-americanos, inaugura mais um capítulo de sua política econômica baseada no confronto. Mas a reação de 25 estados dos Estados Unidos, que recorreram à Justiça para contestar o novo tarifaço, revela que a disputa já ultrapassou o campo comercial e se transformou em um problema político interno de grandes proporções.

Embora o protecionismo dialogue diretamente com parte do eleitorado de Trump, especialmente em regiões industriais afetadas pela concorrência estrangeira, os impactos econômicos das tarifas tendem a atingir empresas, produtores rurais e consumidores americanos. O aumento dos custos de importação pode pressionar a inflação, reduzir a competitividade de setores dependentes de insumos estrangeiros e provocar retaliações comerciais de parceiros internacionais. Quando isso ocorre, o discurso nacionalista perde força diante do bolso do cidadão.

A ofensiva judicial liderada por estados governados por democratas, e também por alguns administrados por republicanos preocupados com os efeitos econômicos locais, demonstra que o descontentamento extrapola as divergências partidárias. Governadores, empresários e entidades do setor produtivo argumentam que a política tarifária concentra excessivo poder no Executivo e compromete economias estaduais fortemente integradas ao comércio internacional.

Do ponto de vista político, Trump enfrenta um duplo desafio. O primeiro é jurídico: caso os tribunais imponham limites à medida, sua imagem de líder capaz de agir sem restrições sofrerá desgaste. O segundo é eleitoral. Se os efeitos do tarifaço forem traduzidos em preços mais altos, queda nos investimentos e perda de mercados externos, adversários terão um argumento poderoso para responsabilizar diretamente a Casa Branca pelos prejuízos.

Ainda assim, seria precipitado decretar um enfraquecimento definitivo do presidente. Trump construiu sua trajetória justamente transformando embates institucionais em combustível político, apresentando-se como vítima de uma elite burocrática e judicial que, segundo sua narrativa, tenta impedir mudanças profundas. A judicialização poderá, portanto, reforçar a mobilização de sua base mais fiel.

O desfecho dessa disputa dependerá menos dos discursos e mais dos resultados concretos. Se a economia absorver os impactos e os empregos forem preservados, Trump poderá reivindicar o sucesso de sua estratégia. Mas, se os custos recaírem sobre consumidores e empresas americanas, o tarifaço poderá deixar de ser uma demonstração de força para se transformar em um dos maiores passivos políticos de seu governo.

OPINIÃO DO LEITOR

Renasce

Lando Norris é o nome dele! Tem que respeitar o atual campeão mundial! Norris é o vencedor do GP da Hungria da F-1 e renasce para a temporada de 2026! Agora, a Fórmula 1 entra em férias até o dia 23 de agosto, quando teremos o Grande Prêmio da Holanda!

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasilia - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal